

Cipriano José Barata de Almeida, Clemente José de Oliveira, Luís Augusto May, figuras das características de Evaristo Ferreira da Veiga, de Bernardo Pereira de Vasconcelos, de José Bonifácio de Andrada e Silva. Evaristo, político eminente, doutrinador no jornal e na tribuna parlamentar, penitenciou-se ele próprio do uso de linguagem desabrida: a *Aurora Fluminense* não foi modelo de ética jornalística; duramente atacado, seu redator revideou com aspereza; sofreu campanhas torpes, cutiladas violentas, provocações de toda ordem, mas não permaneceu insensível, dobrou-se às imposições do tempo e brandiu, como os outros, os foliculários típicos, os pasquineiros notórios, a tremenda clava demolidora, em que difamação, mentira, injúria constituíam elementos singulares. De Bernardo Pereira de Vasconcelos, a quem a pequena imprensa não poupou, a quem os adversários castigaram sem piedade, pode-se escrever o mesmo. A mostra que nos fornece *O Sete de Abril* ou *A Sentinela da Monarquia*, órgãos que dirigiu, orientou ou redigiu, defendendo-se e defendendo as idéias que julgava dignas de apreço, não apresenta diferença, em comparação com a linguagem empregada pelos pasquineiros que o combatiam. E José Bonifácio? Não orientou ele, com a violência de seu temperamento, a paixão e o descomedimento a que dissabores e injustiças davam coloração fulgurante, com extremos os órgãos pelos quais defendeu os seus princípios e as suas posições? A violência de linguagem não foi, pois, propriedade e característica deste ou daquele — foi sinal da época, marca da fase histórica. Recolheu-a o pasquim, para fazê-la sua.

As causas não estavam apenas na incultura geral, na incompreensão que despertaria por certo uma linguagem serena, de análise e de crítica objetiva. O debate de idéias, de doutrinas, de problemas, que se processou, naturalmente, necessitava do tempero da veemência. A época não permitia divergências e competições estritamente acadêmicas, colocadas em nível isento de paixões. O que se pretendia, além da prova de excelência do que se pregava, era o esmagamento do adversário, a destruição do oponente. Buscava-se o poder, o exercício da função pública, para melhor servir a idéias ou a interesses que se podia disfarçar como patriotismo, segundo o ponto de vista das facções, mas que ocultavam largos e profundos interesses, ameaçados ou ameaçadores, repontando em ataques e revides em que todos os processos serviam. Nessas competições, aqui e ali, às vezes repetidamente, citava-se autores célebres, falava-se em instituições, apregoava-se a defesa do bem comum, da causa pública. Mas os alvos eram as pessoas que encarnavam estas ou aquelas idéias, posições, doutrinas, tendências, poderes. As citações, os nomes conhecidos, os princípios que surgiam como elemento acessório, disfarçavam os limites da competição imediata,